

O VELHO CORUJA E SEU VOCABULÁRIO

CONHECIDA bastante, ao menos dos estudiosos, é a biografia de Antônio Alves Pereira Coruja, cronista, historiador, professor e latinista emérito, nascido em Porto Alegre, em 1806 e falecido no Rio de Janeiro em agosto de 1889, pouco antes de ser proclamada a República, por cujos ideais, ainda que não republicano convicto, mas liberal e co-fautor da arrancada de 20 de setembro, não chegara a bater-se, pois, preso em junho de 1836, em Porto Alegre, com a reação, foi enviado ao Rio de onde não mais voltou.

Na antiga Corte, a partir de 1838, iniciou suas atividades de professor publicando seu *Manual dos Estudantes de Latim*, continuando, despois, o que começara em Porto Alegre, em 1835, com a edição de seu *Compêndio de Gramática da Língua Nacional*.

Mas suas atividades grandemente meritórias, fora do professorado, foram as de cronista. Preciosas e, para cúmulo, raríssimas, são suas crônicas históricas reunidas em volume. E, a par dessas, sua *Coleção de Vocabulos e Frases usadas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul*.

Essa "Coleção" foi o primeiro vocabulário regional gaúcho que se publicou e, por isso, seu grande mérito, embora hoje seja escasso o seu valor.

Editado pela primeira vez em 1852 no tomo XV da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, teve 2.ª edição em 1856, feita a expensas do príncipe L. Bonaparte, em Londres, na Tip. de Tomás Harrild, (nome que figura no verso da página de rosto), para Trübner e Comp. — Londres. Esta edição foi de 25 exemplares apenas. Terceira edição teve no Rio de Janeiro, em 1861, na Tip. Moderna de H. Gueffier. Em 1861 ainda foi feita uma 4.ª edição, em anexo à "Folhinha Rio-grandense" para 1862, na Livraria de D. J. Gobes Brandão.

Apesar dessas quatro edições em dez anos, a raridade da *Coleção de Vocabulos e Frases*, do velho Coruja, é absoluta.

Foi por isso que pensamos reeditá-la agora, entregando sua divulgação à *Provincia de São Pedro*.

Entendemos, entretanto, ampliar a obra do velho Coruja, acrescentando-lhe diversas notas de acordo com os últimos estudos feitos em matéria tão complexa como é esta do linguajar regional, acrescentando, às nossas notas, a extensa bibliografia de que nos servimos.

Aproveitamos para agradecer aos Srs. Prof. Propício da Silveira Machado, prof. Hélio Viana (Rio), dr. Leila Vieira (São Paulo) e dr. Caviglia Hijo (Montevideo), diversas notas e informações que gentilmente nos enviaram.

Walter Spalding.

ADOLFO BERRÓ GARCIA, filólogo das mais notáveis do Uruguai, cultura enorme, em seu "Prontuário de vocabs del lenguaje campesino uruguayo". — átr, no verbete sobre Pelegos:

"La influencia de la lengua portuguesa es manifiesta en el vocabulario empleado por la gente de campo del Uruguay, debido a

la larga lucha sostenida entre españoles y portugueses durante la época colonial. Dos veces el territorio uruguayo fué cruzado por las tropas lusitanas o brasileñas que establecieron gobiernos en la Banda Oriental, así denominada por los españoles, bajo el título de Provincia Cisplatina. A estas sucesivas invasiones, así como a incursiones posteriores, se debió

la inclusión en el léxico vulgar de multitud de voces de origen portugués, que el contacto con el Brasil, a través de una extensa frontera terrestre y un mutuo cambio de productos, después de haber alcanzado el Uruguay en 1830 su emancipación política, han mantenido y acrecido constantemente”.

A estas influências citadas pelo Ilustre dr. Adolfo Berro García, devemos acrescentar, mais a dos açorianos e portugueses do Rio Grande (cidade) que Verriç, em 1765 aprisionou em grande número e enviou para Maldonado onde ficaram até 1778, ano em que muitos voltaram ao Brasil, permanecendo.

porém, regular quantidade no Uruguai espalhando-se desde Maldonado a Montevideu e demais provincias do Oeste uruguaio.

Em compensação à influencia portuguesa no Uruguai, o Brasil, isto é, nós do Rio Grande do Sul também fomos influenciados pelo linguajar oriental e enquanto lá deixávamos expressões nossas, oriundas do velho português, traziamos espanholismos e modismos do linguajar castelhano. E' isso, justamente, o que se nota no breve e, infelizmente, fraco estudo que fizemos aos cordões do Vocabulário do velho Coruja.

Que sirva este ensaio a outros de maior capacidade, para estudo amplo e completo.

W. Sp.



COLEÇÃO
DE VOCÁBULOS E FRASES
USADOS
NA PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO
DO RIO GRANDE DO SUL

ANOTAÇÕES DE WALTER SPALDING

Na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, pósto que não esteja muito apurada a língua portuguesa, não se pode contudo dizer, que ella ali seja pronunciada com vícios, ou, como vulgarmente se chama, *sotsque*; o que aliás se nota em algumas outras provincias do Brasil, cujos naturais mais ou menos a distinguem pelo matiz da voz: todavia a industria peculiar, dos habitantes desta provincia, seu caráter particular, seus divertimentos apropriados às circunstâncias e recursos locais, o continuo comércio dos habitantes da campanha com estados vizinhos, que exclusivamente falam a lingua castelhana, e sua antiga communicação com diferentes tribos indígenas, tem feito que seus habitantes para exprimir certas idéas e communicarem certos pensamentos tenham adaptado alguma vocabulose e frases que não tem equivalentes nem no uso comum nem nos dicionários da lingua; muitos destes são tirados por analogia, outros desviados de seu sentido natural e óbvio para os adaptarem às suas necessidades, outros (muitos poucos) alterados na pronúncia, outros finalmente ou inventados ou procedentes de uma origem talvez desconhecida.

Se nos países que passam por cultos acontece, que em muitas provincias, por motivos que me não é agora dado expor, se acha a lingua nacional alterada por dialetos diferentes, não admiraria, que nesta provincia o mesmo tivesse lugar a vista de sua posição geográfica e de tantos elementos opostos, que poderiam desconcertar sua linguagem: assim porém não acontece, e apenas os homens menos civilizados da campanha têm uma pronúncia, que se resente do sotaque castelhana, ao mesmo tempo que os Rio-Grandenses de trato mais civil passam nas outras provincias por naturais de Lisboa.

Eu pois como natural desta provincia, e em relação tanto com a gente das cidades como da campanha, tenho observado que uma grande parte dos termos e frases ali usados são familiarmente admitidos no centro das povoações, onde os objetos a que se referem não são conhecidos por outros nomes, e os pensamentos que exprimem não são de outra maneira enunciados, e que o conhecimento de muitos destes tem até sido transmitido a algumas provincias limitrofes: tendo igualmente consultado os dicionários da lingua, e ou não os encontrando, ou achando-os com accepções diferentes; me propuz fazer destes uma coleção com suas respectivas explicações, dando a muitas a origem provável, e deixando a de outras a quem com mais critério os possa investigar.

Tenho portanto hoje a honra de apresentar o resultado deste meu trabalho ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, esperando que o mesmo Instituto, consultando alguns de seus conspícuos membros de que abunda, possa corrigir-lhe os erros, ampliá-lo, ou dar-lhe mesmo melhor redação; e me julgarei satisfeito se o Instituto, dando bom acolhimento a este pequeno trabalho de um membro seu, que pouco mais poderá ofertar-lhe da mesquinhez do seu talento, animar por esta forma a algum trabalho igual a respeito de outra provincia que porventura se ache nas mesmas circunstâncias.

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1851.

Antônio Alves Pereira Coruja,

A

Abombar, v.n. diz-se que o cavallo abombar, quando tendo feito grande viagem em dia de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas depois de refrescar ainda pode continuar a viagem. (1)

Abombado, part. de Abombar.

Acolherar, v.a. unir animala em colhera. Diz-se mais propriamente dos cavalos. (2)

Açouteiras, s.f.pl. as pontas das rédeas, com que o cavaleiro açouta o cavallo. (3)

Agulhas, s.f.pl. pedaços de carne unidos ao osso do espinhaço do boi. Picado o osso do espinhaço, cada um destes pedaços de osso com a carne correspondente é o que se chama "Agulhas".

Algado, adj. o que nunca foi costeado. Diz-se do gado. (4)

Amadrinhar, v.a. acostumar os cavalos a persistirem junto de uma égua, a que se dá o nome de "Egua-madrinha." O cavallo assim acostumado se diz "amadrinhado".

Amarrar ou atar, v.a. usasse no sentido de "ajustar" ou "apertar a rédea". Quando está concluido o ajuste destes, e algumas vezes com o papel do trato, se diz estar a "carreira atada" ou "amarrada." (5)

Andador, adj. cavallo andador é o que usa do passo chamado "andadura".

Anillo, s.m. (do cast. "anillo"), corda pertencente à colhera; é a parte que enlacha o peçoço, e prende por um botão. (6)

Anoque (ou Noque) s.m. couro quadrado, com quatro varas costeando os quatro lados, porém mais curtas que estas, e as quatro pontas sobre quatro forquilha, para fazer decuada. (7)

Aperar, s.m.pl. (do cast. "apéro", no português temos "apero") os preparos necessários para enlilhar um cavallo; diz-se estar o cavallo "bem aperado", quando está ricamente ornado para montar-se. (8)

Apolar, v.a. fazer o ternoiro mamar segunda vez para poder tirar Apólo. (9)

Apólo, s.m. leite mais grosso que se tira da vaca depois de ter-se tirado o primeiro; tirado o primeiro leite, faz-se o ternoiro mamar segunda vez, como para chamar este segundo leite.

Aquerenciar-se, v.r. (do cast. "aquerenciar-se") tomar querência a algum lugar; diz-se especialmente dos animala; também se diz que um animal está aquerencido com outro, quando vivem juntos ou se acompanham. (10)

Arreata, s. f. costuma-se dizer simplesmente "arreata" devendo ser "a arreata." (11)

Arreguarhar, v.n. ficar o cavallo cansado a ponto de errar os queixos sem que se lhe possa tirar o freio. (12)

Arrelos, s.m.pl. as peças com que se arreia um cavallo para montar; e são sudouros, xerxa, carena, lombillo, cincha (ou cinchão); rabigo e freio com seus portences. (13)

Arriçoar, v.a. (do cast. "arriçoar", no português se diz "arriçoar") meter animala em um riço. (14)

Assado, s.m. pedaço de carne, ordinariamente sem osso, para assar; tem já este nome antes de assado.

Assado de couro; carne que se assa sem desunir-se do couro, em cuja parte se applica ao fogo.

Assentada, s.f. partida falsa, ou pequena carreira dada do ponto de partida pelos cavalos parceiros antes de começarem a correr; costuma haver 1.^a assentada, 2.^a ou 3.^a, e às vezes mais, conforme o trato com que se amarrar a carreira. (15)

Assolar, v.n. (do cast. "Assolar", acalorar) fatigar-se por ter viajado ao sol, ou em dia de calor; diz-se do animal, principalmente se é gordo, e quase o mesmo que assonar. (16)

Assonar e Assonado; quase o mesmo que Abombar e abombado, mas não tanto. (17)

Atropilhar, v.a. reunir cavalos em tropilha. (18)

Atropilhado, partic. de Atropilhar.

Azulico, adj. ovelo de pintas miudinhas de branco e preto, que ao longe parece azul. diz-se dos cavalos, e são rarissimos. (19)

NOTAS: 1) Para as obras dos autores citados, veja-se a Bibliografia. —

2) As palavras não esmentadas ou são reconhecidamente portuguesas ou derivadas de termos comentados, portanto de igual origem.

I — **Abombar, Abombado:** — Rematuzza Carría, dá-o derivado do vocabulo chileno — "abombarre"; ficou ligeiramente ébrio. — Quer parecer-nos, entretanto, que se origine de "bomba" ou "à bomba", "tocar à bomba", formando-se, talvez, primeiro o particípio — "abombado", — e depois o verbo. Mas pode bem

res, segundo citação de Luiz Carlos de Moraes, derivada de "ku-bom-ba", do dialeto negro chitonga, vale do Zambeze, que significa cansado, estafado, ter sede. Do chileno é que não cremos derivar-se nosso "abombar", pois relação alguma tem com bebedeira. Augusto Dailson, estudando o vocabulário inédito de Apolinário Pôrto Alegre, quer que, de acordo com o mestre, seja palavra Guarani, de "anhombá" (acabaram-se os meus) e "amombá" (destruir, gastar, consumir). Apolinário Pôrto Alegre, estudioso e conhecedor profundo do guarani, gostava por isso de garantir tudo. No planalto de Vacaria e adjacências esta palavra segundo Manuel Duarte, é substituída por "estranhalhar", do verbo estranhalhar.

- 2 — **Acolherar**: — unir, juntar. Do antigo significando do verbo "acolherer"; por a salvo, ficar segura, buscar asilo seguro (Brunswick). Daí acolher-se é — acolher a — acolherar.
- 2 — **Acouteira**: — Romaguera Corrêa diz-la derivada do castelhano — acote —. A palavra, entretanto é de castigo português: "acoute", molho do varas cordeles para castigar (Brunswick). Mas há, ainda o verbo "acotar", afligir (Brunswick). Talvez seja cast. a corruptela "soteira" que Granada define como nosso "acouteira".
- 4 — **Algado**: — E' termo genuíno português, derivado do verbo algar, alçar-se; apelar, agravar, (Brunswick) por sinonímia; não sujeitar-se. Daí o regionalismo; algado; bravo, insubmisso, que se não deixa prender facilmente.
- 4 — **Amarrar**: — E' genuíno português; amarrar-se à sua opinião (A. de Moraes Silva).
- 4 — **Anilha**: — Brunswick refere: "anilhaçar", prender com anilhas. Antônio de Moraes Silva traz anilhaçar = anilha, argola de metal para enfiar, ou prender corda, ou coisa semelhante.
- 7 — **Anoquei**: — No português antigo significava tanque de curtir couros (Brunswick e Antônio de Moraes Silva).
- 8 — **Arreola**: — Não é castelhanismo como se geral se julga. A palavra castelhana — apero — aperos — é de origem portuguesa. Vem do "apeiro"; conjunto de instrumentos próprios para caçar ... antes do uso de pólvora (Brunswick). Romaguera Corrêa diz-la de origem hispânica-americana, e que tinha esteja certa, embora não provado, quanto ao sentido atual de arreola = zona portenha, isto é, a transformação de significação.
- 8 — **Apofar** — **Apofar**: — Vem do "apofado" (A. de Moraes Silva) — chelo; "outra apofado como mama".
- 10 — **Aquerenciar-se** — **Aquerenciar**: — Diz Romaguera Corrêa e com ele quase todos os vocabularistas, que é palavra castelhana. Entretanto, no sentido quase integral com que é usado hoje este termo, cita Brunswick as palavras "querencia" e "querencosa"; amizade — amor, amoroso, afetuosos. Ora: que é a "querência"? Lugar a que dedicamos

nosso afeto; lugar do nosso amor. Ainda Brunswick, falando de animais diz: lugar onde os falcões têm as crias. "Aquerenciar-se", "aquerenciar", vem, portanto de genuíno português, "querença", de onde, também, "querência". Não há lavos de castelhanismo nestas palavras.

- 11 — **Arreata**: — E' termo que nunca ouvimos. Registamos apenas Coruja sem lhe precisar o significado e Luiz Carlos de Moraes que assim o define: "Corda ou tira de couro com que se prende a carga nas carretas ou nas canchilhas".
- 12 — **Arreganhado** — **Arreganhado**: — Coruja dá-lhe significado Algo diverso, pois o cavalo arreganhado é o que, por excesso, fica exausto de tal forma que se torna quase imprestável. O nome desse cansaço vem do fato de o animal entreabrir os belcos deixando à mostra os dentes. E' termo português antigo e sempre em uso com o mesmo significado, acrescido de modernas definições por analogia.
- 13 — **Arreio**: — E' velha palavra portuguesa vinda do francês "arroy", segundo Moraes Silva.
- 14 — **Arrinconar**: — Como Coruja, Romaguera Corrêa e quantos mais lhe trataram da origem, dão-no como castelhanismo. Entretanto encontramos esse termo no antigo português e o próprio Romaguera Corrêa explica: "é empregado em lugar do português antigo — "arrinconar", — que segundo Vieira, também se deriva do cast. "rincón"; usava desse verbo — "arrinconar", etc. — Ora; Rincão é palavra portuguesa de bom quilate. Teria se originado no "rincón" castelhano ou será esta tirada daquela? — Brunswick traz a palavra "arrincar", com o significado: fazer sair, expulsar. Haverá parentesco remoto entre ambas, notando-se que seus sentidos são divergentes? Notou-se que há outra velha palavra portuguesa citada por Brunswick a que quantos vocabularistas trataram dela entre nós, não a apresentaram como castelhana: é o termo "arregio" com o significado: ajuste, combinação. Se é de origem castelhana, será muito remota.
- 15 — **Assentada**: — Embora Romaguera Corrêa diga que o significado dado por Coruja, esteja errado, nós já a ouvimos empregar assim em carretas, uma vez, em S. Jerônimo. Entretanto seu significado comum e corrente em todo o Estado e mesmo em outros, é o de parada brusca, repentina. Tem, também, como bem acontece L. C. de Moraes, o significado de ocasião, vez de uma assentada faz dois serviços. E' usado igualmente o termo "sentada" com as mesmas definições.
- 16 — **Asolear**: — de sol, equivalente ao moderno insolar, ato de insolar (pequeno Dic. Bras. da Ling. Portuguesa). No cast. figura a expressão asolear com o mesmo significado.
- 17 — **Assonhar** — **Assonhar**: — Romaguera Corrêa diz: "Assonhar", do cast. "zonzo" (tole). Cremos, entretanto que sua origem está no antigo significado de "sonso", a

gado Brunswick: sagaz, astuto, dissimuladamente manhoso. Com esta significação julgamos o "assonhar" regional mais de acôrdo; cansar-se ligeiramente, talvez fingindo cansaço maior. Manha de cavallo ligeiramente cansado. "Tolo" seria se, cansado, mostrasse disposição para prosseguir...

12 — **Atrôpilhar:** — No linguajar regional do Rio Grande do Sul, como dos demais Estados da União é comum proceder-se ás palavras da partícula "A". E', aliás, do antigo português essa transformação gráfica. Encontramos em Brunswick: — abastante, por bástante; abastar; abatinar, por vestir batina; abocar, por embocar, entrar; axorbitar, por exorbitar; abrenhar, por embrenhar; acá, por cá; acabramo, por cabramo; acenhoscer, por reconhecer; acunhar, por cunhar, etc. Por isso a forma atrôpilhar, reunie em tropilha, é perfeitamente portuguesa. — E' também usado, mais comumente, a forma entropilhar, no mesmo sentido, aliás também perfeitamente justificada.

13 — **Azulego:** — Romaguera Corrêa, de pois do dizer: deriv. de azul, — acrescenta: ou melhor do cast. "azulense", azulado. E' admirável a facilidade com que Romaguera aceita derivações do castelhano! Ainda, para esta palavra, poderíamos admitir a origem. Além da palavra azul, possuímos o verbo azulejar, tingir de azul, azular. E' d'êste verbo, 1.ª pers. do ind. presente, azulejo, pode muito bem derivar "azulego."

B

Badana, s. f. pele macia, lavrada que se põe por cima do coxinhão.

Bagal, adj. chama-se cavallo bagal o mesmo que bol chmarrão; não obedece ao cavaleiro, nem o fazendeiro conta com sic; só a bolsa pode ser usada. (28)

Bagalada, s. f. porção de bagais.

Baixada, s. f. o terreno baixo ao pé de uma lomba. (21)

Baixeiro, adj. Suidouro "baixeiro" é o que se põe sobre o lombo do cavallo por baixo dos arreios; carona "baixeiro" é a que se põe (quando a querem usar) por baixo da xerpa. (22)

Banhado, s. m. terreno baixo com água e coberto de ervas as quais como que encobrem a água. (23)

Banhadoeiro, s. m. dímia de banhado.

Barricacha, s. m. cordão trançado, cujas pontas cosidas no chapéu, o prendem ou seguram a pessoa que o traz, passando por baixo da barba. (24)

Barriguda, s. f. peça que faz parte da pinça; é a parte que passa pela barriga do cavallo.

Barrusa, adj. mesmo que "branco"; diz-se somente do bol ou vaca. (25)

Baxa, s. m. (do cast. "baxto") lombillo de cabeça mui raso e pequena, ordinarriamente se diz no plural. (26)

Bichará, s. m. poncho de bichará é poncho de 15 grezes, branca e preta com listras no comprimento; d'êstes também se chamam ponchos de Mostardas, por serem feitos em uma povoação d'êste nome, onde se criam muitas ovelhas. (27)

Bicheira, s. f. ferida dos animais com bicheos.

Bical, s. m. peça de prata que circunda o loto na parte inferior, immediata ao estribo.

Belada, s. f. porção de bois mansos, especialmente do serviço de carréas.

Bolapé, s. m. corresponde quase á palavra portuguesa "vau"; diz-se estar a rio de "bolapé", quando está muito cheio, mas inda o cavallo passa sem nadar. (28)

Bolas, s. f. pl. três pedras de forma esférica retovadas em couro e presas por guacas de mais de côvado de comprimento; destas três uma, que é mais pequena, se chama "manião", e é feita que se põe para fazer mover as outras. Servem para bolear os animais.

Bolcar, v. a. negar com bolas algum animal, atirando-lhas aos pés. (29)

Bolcar-se, v. r. deixar-se o cavallo cair com o cavaleiro. (29)

Bombejar, v. a. explorar, espiar. (30)

Bombeiro, s. m. o que vai explorar e sempre inimigo. (30)

Borrachão, s. m. chifre, com funde (a parte mais larga) tapado, e aberto na ponta; serve para conduzir água ou outro liquido em viagens; alguns são feitos com primor.

Bursino, adj. cor de brasa, isto é, vermelho com algumas riscas pretas; diz-se do gado, e também dos cães.

Buzina, s. f. espécie de sacos grandes de couro, que se conduzem sobre cangalhas em viagens. (31)

Buzca, s. f. cavidade na raiz do casco do cavallo, que vai mimando até a parte superior do mesmo casco.

Bucoç, s. m. (deriv. de "buco") espécie de cabresto com fochinha. (32)

Buzina, s. m. buraco do centro da roda do carro, onde entra o eixo; é assim chamado por ser mais largo da parte de dentro que de fora. Daqui vem que quando se acha gasto, e é preciso pôr-se um remonte, se chama a d'êste "contrabuzina". (32)

20 — **Baguá:** — Diz Romaguera Corrêa: é palavra hispano-americana derivada do "cakuai" acceitando, destarte, a afirmativa de Daniel Granáda que define "baguá" como sendo cavallo selvagem ao qual os araucanos batizaram de "car uellu" e os índios pampas de cabual. Para nós, porém, o significado é outro modernamente e não só significa, animal cavalari arisco, não domado, ou no sentido que lhe dá Coruja, mas especialmente ao cavallo não castrado. Ora, todo o cavallo "chucro", "redomado bravo", é inteiro, aliás Fray Pedro José de Parra, citado por Daniel Granáda, diz: "... a fim de matar algunos caballos castrados (que acá llaman "baguales")". Dando se deduz que tanto lá como cá, a origem é uma; talvez "bago", talvez a voz dos índios pampas "cabual".

21 — **Baixada:** — De "baixo" ou melhor terra "baixa" —, baixada, vale. Romaguera Corrêa vai buscar-lhe origem castelhana de bajada. Bisteu para a palavra espanhola "bajo" diz: Vide Baxo. E para esta palavra dá como trad. portuguesa: Baxo. Dá, também o verbo esp. "Baxar" com a trad. portuguesa — Baxar. Quer isto dizer que no sentido espanhol a palavra era a mesma. Por que, pois derivar "baixada" do espanhol?

- 22 -- **Baixeiros**: — de "baixo", é a primeira peça dos apêros que se coloca sobre o lombo do animal. Quer dizer: a última peça, a bem de baixo, dos arreios. Daniel Granada menciona "bajera", e Carlos Teschauer diz-lhe também usado no Pará e em São Paulo.
- 23 -- **Banhado**: — pântano, brejo onde existem atoleiros, ou atoladores como dizemos no Rio Grande do Sul, e com a especialidade de estar coberto por capins ou graminas e que muitos *Itade* o vândante desprevendo. De "banho" com o sufixo coletivo "ado"; que molha. Romaguera Corrêa dá-o como de origem cast.: de "bañado". Daniel Granada dá para esta palavra o mesmo significado.
- 24 -- **Barbilheco**: — Diz Romaguera Corrêa: "É termo cast. usado em algumas províncias da Espanha. É termo português usado noutro sentido, segundo Aulete". Carlos Teschauer explica: espanhol usual em Extremadura e Andaluzia; é também português no sentido de cabeçada de corda para bôtas (Aulete). Daniel Granada regista, entretanto, com o significado garcho, o termo "barbilho". A noção *ver* é a palavra portuguesa sua origem verdadeira.
- 25 -- **Barroco**: — É curioso saber-se o significado no velho português: *ôr* de barro; que tem barros ou espinhas no rosto (A. de Moraes Silva).
- 26 -- **Basto** (ou melhor: **Bastões**, no plural): — Além do significado que lhe dá Coruja, conheço-a como designativa das partes acolchoadas do lombinho. É' nesse sentido que a registam Callage, Dardi Azambuja, M. Pereira Fortes e Romaguera Corrêa que o dá como castelhanismo. Teschauer cita Coruja e Romaguera Corrêa. — Granada não o traz. Não será originado em "basto" abundante, no antigo português, com o sentido da parte mais abundante, por acolchoada, no lombinho? — Huteau menciona "baste" significando albarda.
- 27 -- **Beberrá**: — Palavra da qual ninguém dá a origem. Quer parecer-nos que seja derivado de "becha" ou "becha" mais "rem", isto é: *em* ou pessoa que cavalga. De "becha" (becha) formouse "bicha", segundo Augusto Magne. É' palavra antiga portuguesa que significa bôta, ou qualquer cavaladura, conforme Brunswick. "Rem" é coisa ou pessoa (A. Magne). Coisa que cobre a pessoa que cavalga: poncho, também cobertor que levavam em viagem os tropeiros antigos, na sua maioria.
- 28 -- **Bolapá**: — Diz Romaguera Corrêa que é de origem castelhana, de "volapá", locução adverbial significando a meio vôo, parte voando, parte andando, sem poder assentar os pés com firmeza. — Tendo a palavra significado quase idêntico a *vau*, isto é: rio que dá nasagem sem ser preciso nadar e sendo seu significado o do rio que se atravessa a pé, com água abaixo do joelho, quer parecer-nos que o castelhanismo não tem razão de ser. No antigo português encontramos a forma "pôla", "pôlo", *per* pêla e pêlo acrescido de "pé": *pô-la-pé*, (pelos pés, pouco acima dos pés). A mudança do "p" por "b" é fenómeno comum, vulgar na evolução da língua. Daí "bolapá": rio que se atravessa apenas com os pés na água.
- 29 -- **Bolcar, bolearse, boleadeira**: — São palavras da mesma origem, formação verbal, as duas primeiras, do substantivo "bola": atirar as bolas, no plural, como se *era* denominar o objeto formado por 3 bolas que serve para enredar as patas do animal, quando em carreira, no campo, e que se chama também "boleadeira". No segundo caso significa jogar-se do cavalo, atirar-se como se fossem as bolas. Boleadeiras é trabalhar com as bolas. Todas 3 são expressões de genuíno cunho português e de formação lógica, comum, no evoluir da língua através da formação popular são raras de cunho inédito. Entretanto, Romaguera dá, para bolearse, original castelhana: "volearse", e para "boleadeiras" diz: derivado de hispano-americano — boleadoras ou boleaderas. Parece-nos, contudo, que se tenha formado de bolcar, como de lavar, se formou lavadeira.
- 30 -- **Bombear, bombetas**: — Romaguera Corrêa, e como ele outros, dão-nos como platinismos porque também no Prata são usadas e usuais. Diz ainda Romaguera Corrêa que o Visc. de Beaurepaire-Rohan considera a segunda palavra como corruptela de "pombelo" (guardador de pombas). A noção *ver* são ambas portuguesas. A expressão "bombelo", que toca bomba, é antiga e tomou o significado de vigia em virtude da proflação do bombelo que era cuidar que não faltasse água. Era o vigilante do precioso líquido. Daí o sentido de vigia, espia, para "bombelo" e a formação verbal popular, — "bombear".
- 31 -- **Bronca, ou Branca**: — É palavra portuguesa genuína e classificada por Brunswick entre as não mais usadas. Significava: mala que se levava em viagem a cavalo. É' usada até no nordeste. Valdomiro Silveira dá-lhe o significado de "mulher de maus sentimentos, de más qualidades". Aliás também, no Rio Grande do Sul tem esse significado fora da zona rural.
- 32 -- **Bucal**: — Quer antes parecer-nos se deriva a palavra de "bucfale", *cor* de segurar búffalo — *peix*, *en* vulo com buco...
- 33 -- **Buzina**: — palavra portuguesa: tromba de forma cônea. A forma do buraco e o comum, por certo, do ruído que faz o eixo, *lha* deu, por analogia, o nome. A palavra tem, hoje, outros significados na linguagem vulgar: furioso, atrevido, colérico, valentão, irado. "Por isso pouco ficam buzinas". "Disse-lhe a verdade: viron "buzina". No Norte do país (José Américo de Almeida) significa "arruído".

(Continua)